

Os caminhos e descaminhos da antropologia reflexiva

Autor: Simone Lira da Silva¹

Resenha de:

GHASARIAN, Christian (org). **De L'ethnographie à l'anthropologie réflexive nouveaux terrains, nouvelles pratiques, nouveaux enjeux**. Paris: Armand Colin, 2002, 249 p.

De l'ethnographie à l'anthropologie réflexive é um livro organizado por Christian Ghasarian, professor da Universidade Neuchâtel (Suíça) e pesquisador associado ao LAIOS (França). Reúne textos de renomados especialistas que se propõem discutir a etnografia em meio a populações cada vez mais próximas do pesquisador e envolvidas por novos dilemas éticos e metodológicos.

Christian Ghasarian introduz os capítulos que compõem este livro contextualizando como a antropologia passa de uma disciplina que reivindica estatuto de ciência para permitir se pensar como algo muito próximo da arte ou da literatura. Segundo o autor, a etnologia teve seu campo de estudo complexificado pela multiplicação dos objetos investigados e pela substituição da importância da lógica racional em favor de uma construção do conhecimento pautada também por relações subjetivas do pesquisador.

As principais discussões trazidas pelos artigos desse livro giram em torno da problematização de elementos pessoais e subjetivos envolvidos na pesquisa. Os antropólogos se dão conta de que é necessário compreender estas instâncias e integrá-las as suas pesquisas. Para Ghasarian, os resultados finais são partes inseparáveis de questões sobre como cada pesquisador chega à pesquisa com este ou aquele grupo, sobre como constrói suas simpatias pelos indivíduos estudados, sobre como entende sua profissão

¹ Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (UFSC), membro do Naui, PPGAS/CFH. Graduação e mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

(uma missão?) ou sobre quais seus interesses pessoais, econômicos e profissionais no campo.

No entanto, abordar todas estas relações estabelecidas em campo não é tarefa fácil para nenhum antropólogo. Ghasarian nos alerta que esta reflexividade pode ser trivial se significar apenas uma introspecção psicologizante. Também faz uma crítica à ideia de tradução, que implica a imagem de transformação do desconhecido em conhecido. A tradução é uma pretensão que, segundo ele, não se realiza e deve ser abolida. Em seu lugar, propõe pensar a compreensão etnográfica enquanto dependente da experiência em campo e da escrita etnográfica. Para o autor, a melhor maneira de refletir sobre a prática etnográfica é através dos próprios trabalhos de campo. Todos os autores dos capítulos seguintes tiveram experiência em trabalhos de campo com populações geográficas e culturalmente distantes, e alguns deles usam estas experiências para traçar comparativos com suas atuais pesquisas sobre sua própria cultura.

No capítulo intitulado *Le terrain et le sous-terrain*, Marc Abélès esboça como a evolução da antropologia se inscreve dentro de uma história marcada pelos processos de globalização e pelos interesses políticos e econômicos a eles ligados. Um ponto central desse trabalho é a ideia de “pacto etnográfico”, que diz respeito às formas que o saber produzido pelo antropólogo ou o próprio antropólogo são apropriados pelo campo. Esta apropriação não é feita nem pela forma oral, nem pela escrita, mas estabelecida pela prática etnográfica. Apresenta-nos três exemplos de campo, os Aveyrõeses, que trabalham em cafés de Paris, os Ochollos, na Etiópia, e o Parlamento Europeu, evidenciando como este pacto se estabelece neles. Para o autor, não é a oposição entre subjetividade e objetividade que deve fazer parte dos trabalhos do antropólogo, mas todos os processos ou negociações da presença do antropólogo e, por consequência, das informações obtidas. Eles constituem o que entende por subcampo.

Depois de ter feito campo entre os índios Tucanos na Amazônia, Irene Bellier vai fazer pesquisa com *l'Ecole Nationale d'Administration – l'ENA* – e com funcionários da Comissão Europeia. Comparativamente, mostra as diferenças para o estabelecimento do lugar do pesquisador em cada um desses campos, bem como as formas de recepção do trabalho final da antropóloga.

Para a autora, a construção de um projeto depende das formas como os primeiros contatos são estabelecidos e dos recursos pessoais de cada pesquisador.

O trabalho de Fainzang Sylvie é uma reflexão sobre sua pesquisa com uma associação de ex-alcoólatras. Adotando a posição de que cabe ao pesquisador a “missão científica”, apresenta as dificuldades humanas para realizar tal tarefa. Começa nos apresentando as dificuldades de ser aceita ou obter uma credencial para fazer parte do grupo. Chama-nos a atenção para o fato de que seu trabalho implicava tomar parte de circunstâncias nas quais se discutiam questões muito íntimas para os pesquisados. Envolve-nos em um comparativo sobre como sua postura mudou de um campo para o outro. Quando fazia pesquisa na África, esforçava-se para se aproximar dos sujeitos estudados e, com os ex-alcoólatras, tomava precauções para permanecer à distância de seus pedidos. Outra reflexão importante trazida pela autora é a de que esta perspectiva reflexiva que, de alguma maneira, todos os autores do livro se dispõem fazer, só tem sentido se permitir chegar a algum conhecimento sobre o outro pesquisado.

Patrice Cohen também irá fazer pesquisa em reuniões, mas no seu caso relacionado à experiência de jovens com AIDS. Em um campo permeado por demandas dos investigados sobre o pesquisador, o envolvimento emocional com confidências dos jovens é seu principal dilema. O autor nos apresenta seu objeto, AIDS, como transcultural e emergente e entende que o campo etnológico dessas pesquisas deve ser uma arte capaz de conciliar investigação e sociabilidade.

Anne-Marie Losonczy mostra como o conhecimento do antropólogo e a pesquisa são construídos por meio do seu campo. Na pesquisa da interação entre descendentes de escravos africanos na América e grupos indígenas locais, o “enigma recíproco” que envolve a pesquisadora em momentos de silêncio e em tentativas de oferecer respostas sobre sua cultura para os nativos a levou a desenvolver uma série de relações de aprendizado. Os ritos e relações estabelecidas pelo silêncio também fizeram parte de sua pesquisa nos campos de refugiados da ex Iugoslávia, na Hungria pós-comunista.

Patrick Gaboriau, por sua vez, com sua pesquisa sobre *clochards*, moradores das ruas de Paris, problematiza as abordagens usualmente dadas a

estas pessoas. Trabalhando com um campo no qual o discurso dominante tenta apagar e agentes do estado tentam educar, ele procura criar um discurso que sirva de contraponto. Para o autor, o compromisso central do pesquisador deve ser com seu campo, mesmo diante de interesses econômicos ou das imposições dos editores para a publicação do material.

No capítulo *Un terrain de 35 heures*, Philippe Erickson e Christian Ghasarian problematizam a produção de jovens antropólogos contratados por empresas privadas para realizar pesquisas entre seus funcionários, por salários baixíssimos. Entre outras coisas, questiona como o pouco tempo de que dispõem para a pesquisa e seus vínculos empregatícios com a empresa podem levar a produções levianas. Que comprometimento ético é possível ter quando se está hierarquicamente submetido aos interesses da empresa contratante?

François Lapalatiné propõe pensar a antropologia enquanto um “gênero misto”. Segundo o autor, o pensamento mestiço é um pensamento dialógico que une, porém não mescla, distingue, porém não separa, sobrepõe, porém em movimentos ondulantes, estranha, mas não confunde. O projeto antropológico atual deve se basear na alteridade, descontinuidade e heterogeneidade.

O capítulo nove é uma etnografia de Madagáscar, feita por Paul Ottino, falecido em 2001, e que tinha sido escrito, inicialmente, para outra publicação que não chegou a circular saiu. Sua contribuição para este livro é uma análise construída em diálogo com diversos teóricos em busca da ampliação das ferramentas conceituais para descrever os fenômenos sociais que estuda. Sua abordagem fenomenológica busca fazer uma etnografia da comunicação ao examinar de que maneira as atitudes dos homens a respeito de si mesmos, de seu destino (trata-se de um destino astrológico de vontade divina que pensam dever cumprir amplamente) e do meio ambiente onde vivem, podem influenciar suas ações.

Maurice Godelier, devidamente deixado para o fim do livro, problematiza a própria crítica pós-moderna ao fazer etnográfico. Inicia o capítulo fazendo uma contextualização histórica do pensamento antropológico, que no período pós-guerra tem a obsessão de destruir todas as explicações globais e de desconstruir as práticas e obras etnográficas. Segundo Godelier, para estes antropólogos a antropologia nunca fez mais do que construir um novo espelho

para olhar a si mesma. Ele irá questionar de que servia desqualificar a obra de outros antropólogos ao ponto de a própria antropologia ser destruída. Acusa os pós-modernos de terem esquecido que a antropologia se faz no campo e produz conhecimento sobre o grupo estudado que muitas vezes são desconhecidos pelos próprios informantes. Através de seu trabalho entre os Baruya, mostra como o desafio de pensar todas as articulações entre o local, o global regional e o global planetário não é algo que se faz pela subjetividade do antropólogo, mas por meio de conhecimentos objetivos através dos quais o antropólogo consegue fazer as devidas articulações de força, alienação, mistificação e destruição presentes na sociedade estudada.

O esforço despendido na leitura desse livro, ainda não traduzido para o português, certamente aproxima o leitor de importantes debates epistemológicos, teóricos e metodológicos que têm sido travados pela antropologia contemporânea. Estes novos estilos etnográficos, que problematizam as experiências e emoções vividas pelo pesquisador em campo e não tem como objeto de estudo o outro distante e portador de alteridades absolutas, são cada vez mais presentes na disciplina. Os artigos do livro são um excelente material para inserir os profissionais neste debate.